

ENSINO-APRENDIZAGEM DE LÍNGUA ESTRANGEIRA: DA DICOTOMIA À INTERAÇÃO POR MEIO DA MEMÓRIA SOCIAL

Rudy Kohwer

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB (Brasil)

Endereço eletrônico: rudy.bresil@gmail.com

Edvania Gomes da Silva

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB (Brasil)

Endereço eletrônico: edvaniagsilva@gmail.com

1251

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, analisamos os estudos sobre o ensino-aprendizagem do francês como língua estrangeira (LE) e fazemos uma crítica as abordagens que sugerem a existência de uma dicotomia entre linguística e pragmática. Para tanto, partimos de pesquisas sobre o referido objeto (o ensino-aprendizagem de francês como LE) nas quais constatamos que se tem, frequentemente, optado pela reflexão crítica dos componentes da linguística estrutural de Saussure (1931), a partir de pontos de vista contrários ou favoráveis ao trabalho do linguista genebrino. Tais trabalhos também supõem uma articulação da linguística saussuriana com a linguística funcional de Skinner (1938; 1957), que ganhou espaço quando se compreendeu que a progressão da aprendizagem de uma língua se realizava em concomitância com o conhecimento de seus contextos socioculturais. Além disso, os pesquisadores que estudam o ensino/aprendizagem na atualidade associaram, à noção de *comunicação*, a noção de *ação*, que surgiu da reestruturação do documento oficial intitulado *Un cadre européen commun de référence pour les langues: apprendre, enseigner, évaluer* (CECR, 2001), do Conseil de l'Europe. Tais pesquisadores integraram, então, o polo pragmático à didática e à metodologia do francês. Assim, no ensino-aprendizagem de francês como LE, recorre-se, por um lado, muito fortemente à abordagem *acional*. Por outro lado, em relação às atividades languageiras, observamos a existência de pesquisas que tratam da competência em comunicar, recorrendo a componentes da gramática e da sociolinguística, por meio de uma abordagem chamada de *comunicativa*.

Além disso, embora o destaque dado a abordagem chamada de *acional* seja algo bastante presente no novo CECR (2001), vemos que existem problemas metodológicos ligados à aparente dicotomia entre linguística e pragmática, pois há poucas pesquisas sobre a questão da dependência entre fatores linguísticos e pragmáticos; pesquisas que



reconheçam as funções específicas desses dois paradigmas sem, contudo, negar a relação comum entre eles.

Defendemos, aqui, que, os componentes linguísticos sejam colocados de forma sistêmica, considerando os sistemas linguísticos como essencialmente fechados, e que sejam considerados elementos que remetem a uma relação com a memória social dos aprendizes.

METODOLOGIA

Em relação à proposta de se colocar em relação sistêmica, no ensino-aprendizagem de francês como língua estrangeira, componentes linguísticos e componentes pragmáticos, propomos que haja uma distribuição não-arbitrária dos sintagmas numa posição determinada na sua relação com a frase e dos morfemas na relação deles com a palavra, o que indica a existência de regularidades e de uniformidades profundas. É esse, inclusive, o objeto da psicolinguística, a qual trabalha com base nesses sistemas linguísticos fechados. Nesse sentido, a aproximação dos aspectos sociais com os aspectos individuais da linguagem não parece ser necessária, pois o mundo interior, implicando a consciência e os mecanismos sensório-motores, é apresentado como tendo o poder de representar os fenômenos do mundo exterior que agem sobre o corpo e a consciência, podendo, ainda, selecionar, dentro da infinidade dos objetos e dos fatos do espaço temporal e topográfico no qual o corpo age e agiu, suas representações por meio de ações do presente.

Contudo, para além desse funcionamento “ideal”, é preciso considerar que a conformação dos órgãos sensoriais e a posição do corpo ao redor dos objetos do mundo não permitem a este corpo apreender todas as qualidades de que gostaria de se apropriar para aumentar seus conhecimentos. Isso porque, mesmo que a capacidade do indivíduo de se mover possa contribuir para tal apropriação, sua consciência “falha” quando seus estados psíquicos variam ou oscilam de forma aleatória, o que depende de vários fatores que afetam a atenção que esse indivíduo presta aos eventos que vive diariamente. Além disso, ao vivenciar diferentes eventos, os sujeitos reagem a eles, podendo inclusive, sofrer com tais eventos, o que indica que tais sujeitos não são insensíveis aos eventos por eles vivenciados, eles os sentem, tanto coletiva quanto individualmente.

Pelo exposto, do ponto de vista da metodologia que guiou a elaboração deste trabalho, consideramos: a) que as pesquisas contemporâneas sobre aprendizado do francês como língua estrangeira trabalham, ainda, com base em uma dicotomia entre



linguística e pragmática; e b) que tal dicotomia, pelo que mostramos acima sumariamente, não dá conta da complexidade do processo de ensino-aprendizagem, uma vez que não considera, por exemplo, as variações/oscilações dos estados psíquicos dos indivíduos. Nesse sentido, a reflexão que propomos desenvolve, por conseguinte, uma metodologia perceptiva na confluência da linguística e da pragmática, por meio da relação entre a abordagem comunicativa e a abordagem acional. Tal discussão confere destaque ao papel da memória social na relação entre comunicação e ação, questionando, assim, a independência entre essas duas abordagens.

Vale salientar, contudo, que não pretendemos redefinir as metodologias didáticas, mas acrescer a essas metodologias um embasamento teórico diferente do anteriormente utilizado. Isso porque, ao reutilizarmos o conhecimento conceitual e as competências adquiridas no âmbito da abordagem comunicativa, a fim de produzir uma tarefa final subsumida à abordagem acional, questionamos a base teórica que fundamentou a relação entre as atividades languageiras e a observação da sucessão dessas atividades na sequência comunicativa, o que foi inicialmente sustentado pela relação de semelhança. A hipótese segundo a qual, nesse processo comunicativo, há formação de representações coloca sob suspeição o método de controle da resposta operante, que se daria a partir do estímulo e que se sustenta na teoria skinneriana do condicionamento operante.

1253

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Propomos, aqui, uma revisão/reformulação da base teórica que fundamentou a elaboração do método, uma vez que defendemos que a teoria de Skinner (1938), bem como outras que com ela dialogam, não é a mais adequada para fundamentar um método de ensino-aprendizagem de base comunicativo-acional. As observações sobre os estudos do condicionamento operante, baseados na teoria de Skinner, permitiram, portanto, uma primeira crítica ao método proposto pelo novo CECR (2001). Tal crítica parte da constatação de que a ação do organismo, condicionado num ambiente, realiza-se por meio de repetições, o que, aliás, lembra a noção de *rede de hábitos* vinculada à produção sequencial das atividades languageiras e preconizada pelo CECR.

Como resultado das observações sobre o organismo em experimentação, essa psicologia aplicada sustenta que o organismo se apropria dos limites de seu ambiente para, por fim, agir sobre o mecanismo que irá lhe oferecer uma recompensa. No entanto, foi necessário medir a consequência do termo *por fim*, pois, embora resulte de uma

Realização:



Apoio:





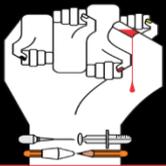
modificação do comportamento, tal resultado não coaduna com a doutrina do livre arbítrio, nem é válida quando se considera a aquisição de conhecimentos no tempo. Nessa perspectiva, dois aspectos dessa teoria merecem ser destacados para que se entenda a crítica que lhe é feita. A primeira questão que deve ser observada quando se pensa no condicionamento operante é que o organismo se apropria do ambiente por meio do instinto de conservação, buscando responder a um período de privação de uma necessidade vital de sobrevivência. A ação do organismo sobre o mecanismo é, portanto, função de uma necessidade física. E é sobre esse tipo de tendência vital que o movimento se torna reflexivo.

A segunda consideração necessária para se entender a crítica feita a essa teoria é que, se o experimentador escolhe colocar o organismo num novo ambiente, o comportamento do organismo, que normalmente sofre mudanças, volta ao seu estado inicial e o movimento reflexivo é perdido. Salienciamos que considerar a ação reflexiva é uma evidência interessante para o professor, e isso tendo em vista as preocupações relacionadas aos tempos de aprendizagem. Nesse sentido, uma concepção automática dos mecanismos sensório-motores resolveria um primeiro problema. Porém, a concepção de tais necessidades revela aspectos negativos no que diz respeito à aprendizagem, pois, essas necessidades anulam a atração pela cultura.

CONCLUSÃO

Como conclusão, vemos que, na perspectiva do método comunicativo, o aprendiz perde todo o espaço de manobra em suas ações sustentadas por motivos voluntários, aqueles que o incentivam a aprender uma segunda língua, fazendo-o agir sob a influência de desejos, intenções e crenças pessoais. São justamente essas sensibilidades que evocam estados de consciência de base afetiva e que também sustentam as motivações para o aprendizado de uma língua estrangeira. Em consequência, os resultados dessa psicologia aplicada nos levam a concluir que o desenvolvimento da nossa problemática deve ter como foco uma observação sobre as repetições e as relações entre si, visto que, primeiramente, elas envolvem uma cadeia de representações, em que cada uma corresponde a uma repetição da rede de hábitos criada.

Importante lembrar que encontramos a noção de representação no problema de pesquisa fornecido por Chomsky (2009, p. 187), pois, para o referido autor: “as regras que relacionam as estruturas sintáticas com as representações de significado não são de



modo algum bem compreendidas”. A sequência de repetições utilizadas nas aulas de francês como língua estrangeira indica que a modificação do comportamento evolui de acordo com a adaptação dele às condições e circunstâncias do ambiente a que está condicionado. Porém, ao omitir a duração de privação e a recompensa vinculadas às necessidades vitais, podemos questionar se não é de fato possível pensar na adaptação do ambiente, cuja causa são ações voluntárias do aprendiz, que ocorrem a partir da formação das representações deste em relação ao mundo.

1255

PALAVRAS-CHAVE: Língua Estrangeira. Francês. Linguística estrutural. Psicologia behaviorista.

REFERENCIAS

AUSTIN, John Langshaw. **Quand dire, c'est faire**. Trad. Gilles Lane. Paris : Éditions du Seuil, 1970.

CHOMSKY, Noam. **Linguagem e mente**. 3. ed. Trad. Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

CONSEIL DE L'EUROPE. **Un cadre européen commun de référence pour les langues : apprendre, enseigner, évaluer**. Paris: Didier, 2001.

JAMES, William. **Le pragmatisme**. Paris : Hachette Livre-BNF, 2018 [1911].

JAMES, William. **L'idée de vérité**. Trad. Louis Veil e Maxime David. Paris : Librairie Félix Alcan, 1913.

PEIRCE, Charles Sanders. **Écrits sur le signe**. Trad. Gérard Deledalle. Paris : Éditions du Seuil, 1978.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Cours de linguistique générale**. 3. ed. Paris: Payot, 1931.

SEARLE, John Rogers. **L'intentionnalité : Essai de philosophie des états mentaux**. Trad. Claude Pichevin. Paris : Les Editions de Minuit, 1985.

SEARLE, John Rogers. **Sens et expression : études de théorie des actes du langage**. Trad. Joëlle Proust. Paris : Les Éditions de Minuit, 1982.

SKINNER, Burrhus Frederic. **The Behavior of Organisms**. New York: Appleton-Century, 1938.

SKINNER, Burrhus Frederic. **Verbal behavior**. New York: Appleton-Century-Crofts, 1957.